

## **A ARQUITETURA COMO SÍMBOLO DE PODER** **THE ARCHITECTURE AS SYMBOL OF POWER**

Bianca Migliorini<sup>1</sup>; Prof. Dr. Henrique Aniceto Kujawa<sup>2</sup>

1 Acadêmica de Arquitetura e Direito. IMED. [bmbiancamigliorini@gmail.com](mailto:bmbiancamigliorini@gmail.com)

2 Orientador Prof. Dr. Henrique Aniceto Kujawa. Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da IMED. [henrique.kujawa@imed.edu.br](mailto:henrique.kujawa@imed.edu.br)

### **RESUMO**

Este artigo abordará a arquitetura como símbolo de poder nos espaços, buscando entender a imponência e imprescindibilidade arquitetônica além de um sentido físico e simplesmente compositivo. O intuito é abordar a questão de poder relacionada com a arquitetura sob um panorama simbólico; analisar a questão estética relacionada com a arquitetura e seu significado; relacionar a arquitetura com psicologia ambiental, buscando fundamentos com relação ao espaço e os impactos nos indivíduos e – consequentemente – na sociedade. Dessa forma, o estudo consiste em uma revisão de literatura para melhor compreensão do assunto, abordando arquitetura, poder e psicologia ambiental. Este artigo – que teve início no primeiro semestre de 2020, e será concluído no segundo semestre do mesmo ano – faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Arquitetura e Urbanismo da autora, o qual trata especificamente da arquitetura como símbolo de poder nos tribunais.

### **ABSTRACT**

This article approaches architecture as a symbol of power in spaces, seeking to understand the architectural importance and indispensability in addition to a physical and simply compositional sense. The aim is to address the question of power related to architecture under a symbolic panorama; analyze the aesthetic issue related to architecture and its meaning; relate architecture to environmental psychology, seeking fundamentals in relation to space and impacts on individuals and – consequently – on society. Thus, the study consists of a literature review to better understand the subject, addressing architecture, power and environmental psychology. This article – that has been starting in the first semester of 2020, and is going to be completed in the second semester of the same year – is part of the Architecture and Urbanism Final Paper by the author, which specifically addresses architecture as a symbol of power in the courts.

## **1 INTRODUÇÃO**

A arquitetura é – de fato – uma arte. Não somente por encantar e impressionar os olhos de quem vê, mas também por abranger diversos fatores em um único local, de modo que interfere em uma esfera cultural, social e comportamental. Tal arte que visa suprir a necessidade do homem em sentir-se no mundo e nos faz conhecê-lo através de sua percepção (FRÓIS, 2002).

Nesse sentido, trazendo o homem como objeto em questão juntamente com as esferas citadas no parágrafo acima, depara-se com um forte elemento de influência:

**poder.** Na obra *Microfísica do Poder*, de Michel Foucault, o homem vem à tona como uma figura singular de produção de poder, e poder é definido como algo “(...) que tem como alvo o corpo humano, não para supliciá-lo, mutilá-lo, mas para aprimorá-lo, adestrá-lo” (FOUCAULT, 2018). Sendo assim, percebe-se que esse elemento está inerente ao ser humano, e que – consequentemente – afeta todo seu entorno, quiçá toda uma sociedade. Então, o questionamento é: qual o papel da arquitetura com relação ao poder?

O objetivo geral deste artigo é analisar a arquitetura como símbolo de poder e sua relação com o espaço. Logo, os objetivos específicos buscam abordar a questão de poder relacionada com a arquitetura sob um panorama subjetivo; analisar a questão estética relacionada com a arquitetura e seu significado; e, relacionar a arquitetura com a psicologia ambiental, buscando fundamentos com relação ao espaço e os impactos nos indivíduos.

Justifica-se este estudo pela busca em corroborar a questão da interdisciplinaridade entre as áreas da arquitetura e psicologia ambiental associadas às circunstâncias de *poder*, mostrando que a junção de diferentes áreas facilita o entendimento de um determinado assunto, de modo que tudo está interligado.

Além disso, a abordagem da percepção dos indivíduos com relação aos impactos provocados pela arquitetura diante dos indivíduos. Busca entender a influência arquitetônica e sua forma de poder através de sua configuração que afeta o comportamento humano.

Este artigo é reflexo e parte do Trabalho de Conclusão de Curso I (teórico) para o curso de Arquitetura e Urbanismo, que tem como temática arquitetura, poder e espaço com relação aos tribunais. O conteúdo abordado aqui é parte do primeiro capítulo.

## 2 METODOLOGIA

A metodologia consistirá em uma revisão de literatura para compreensão de arquitetura, poder e psicologia ambiental buscando conceitos filosóficos, sociológicos, psicológicos e arquitetônicos. Os materiais serão artigos científicos retirados de bibliotecas digitais como Scielo.org e ResearchGate.com; bem como leitura de teses de mestrados, doutorados e livros sobre os assuntos.

Dessa forma, se dividirá em três tópicos, abordando arquitetura, poder e psicologia ambiental, respectivamente, apontando a relação entre os elementos.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 3.1 A Arquitetura

Primeiramente, o que é arquitetura? E, ela é bela?

Na filosofia, belo é uma ideia absoluta, uma individualidade. Toda beleza está na medida certa, é harmônica, causando satisfação em sua estética e sendo prazerosa pela emoção. Sob o ponto de vista aristotélico, o belo deve ser encarado com o seu melhor aspecto, de modo que devemos encarar o homem não como ele é, mas sim como ele deveria ser (HUISMAN, 1954). Nesse sentido, a arquitetura é – sem sombra de dúvidas – bela. Não se pode tratá-la somente como um objeto compositivo ou funcional sem antes entender mesmo que de forma branda, sua essência. Deve-se começar a entendê-la através da mensagem que está tentando transmitir, não apenas restringindo-se à forma que recebeu durante o tempo ou qual seja a circunstância, mas sim seu significado real que vai além de sua “fachada”.

A arquitetura é demonstrada através das percepções, consolidando uma manifestação de arte, segundo Leibniz<sup>1</sup>. O *belo* como algo que transmite satisfação e insatisfação através da forma, de modo que as vezes sequer se percebe, pois surge de forma harmônica através da imaginação, de acordo com Kant (HUISMAN, 1954). Com isso, se percebe que a arquitetura está presente em todos os espaços, afetando diretamente e/ou indiretamente no comportamento, ultrapassando qualquer barreira e atingindo – sim – um ponto de vista filosófico, atestando seu papel como algo belo através de sua estética. Torna-se bela fato de sempre transpassar um significado além do que parece estar explícito.

Ademais, também se torna bela por representar algo em comum para inúmeros indivíduos (HUISMAN, 1954). Embora desperte diferentes percepções em indivíduos distintos, a arquitetura os une através de um objeto ou mensagem que se torna responsável por esta consequência.

E, assim, a corroboração da arquitetura alcança um olhar que vai além do que se está habituado, e a abrangência de questões interdisciplinares é evidente.

É imprescindível que sejam quebrados paradigmas e passem a aceitar que a arquitetura também é notada através de percepções e sentidos. Essas percepções que buscam atender às necessidades do homem em sentir-se no mundo (FRÓIS, 2002). A arquitetura não deve ser lembrada ou mencionada apenas por seus projetos físicos, mas também pelo significado que acomete cada construção. Neste estudo, busca-se mostrar que por trás de um *layout* arquitetônico, há uma mensagem simbólica e uma questão interdisciplinar envolvida.

Fato atestado por Lima (2010), o qual alega que o arquiteto às vezes não age de forma intencional ao incorporar às formas e objetos arquitetônicos, temas que remetem à filosofia, costumes e hierarquia sociais.

Além disso, são inúmeras as possibilidades de concepção que se tem dentro de um espaço que a arquitetura proporciona, resultado do consciente e inconsciente, baseados na experiência de cada um (PARANHOS, 2018). Mesmo que a mensagem transmitida pela arquitetura em um ambiente seja a mesma, ela pode provocar sensações distintas nos indivíduos.

Deste modo, o espaço serve para atender às demandas de um grupo social e suas respectivas finalidades e ideologias (LEFEBVRE, 2008 apud CAMARGO, 2008). E, nesta linha de raciocínio, percebe-se a presença da arquitetura como protagonista na construção física e simbólica em todo conceito de espaço.

A arquitetura resulta de *causas*, bem como resulta em *efeitos* nas pessoas (HOLANDA, 2013). A presença arquitetônica através de seus elementos reflete no comportamento dos envolvidos em sua composição, e estes estão presentes no mesmo local por uma razão. Pode-se dizer que a arquitetura atua como intermédio entre o espaço que está inserida e os indivíduos que usufruirão.

Logo, a *beleza* da arquitetura está além da questão visual, mas sim em transmitir percepções, sensações e opiniões. Abordar a arquitetura como uma mera compositora de um espaço de forma fria e somente física seria um equívoco, bem como uma afronta à arte que possui o poder de modelar o espaço, a mente humana e os panoramas sociais.

### 3.2 Arquitetura e Poder

---

<sup>1</sup> A obra *A Estética*, de Denis Huisman (1954), aborda o filósofo Gottfried Wilhelm Leibniz, porém não menciona em suas referências qualquer obra sua ou dado de seu pensamento. Sendo assim, a extração de seu pensamento pode ser encontrada na página 33 da obra de Huisman.

Afinal, o que é poder? De modo geral, situando-se na sociedade em que se está para perceber que diariamente se está sob a esfera do poder, pois, quando não se está obedecendo, está fazendo com que outro indivíduo obedeça, independentemente da razão. Em *Microfísica do Poder*, o termo poder é abordado ainda no início da obra como algo que está penetrado na vida cotidiana dos indivíduos, dentro do próprio corpo social (FOUCAULT, 2018).

A definição de poder na obra vai adiante ao afirmar que:

Rigorosamente falando, o poder não existe; existem práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada num lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação (FOUCAULT, 2018 p. 17-18).

Dessa forma, se deve pensar em *poder* como algo além da força física (o qual provavelmente é um dos primeiros pensamentos, associado à subordinação e perversidade), ou simplesmente uma coisa, uma propriedade (FOUCAULT, 2018). A questão de poder deve ser analisada sob um contexto psicológico e sociológico, no qual esse elemento está inserido dentro de cada um e – consequentemente – disseminado em toda sociedade, das mais diversas formas em toda história.

Ademais, compreende-se que se trata de um aprimoramento para controlar seu maior alvo: no caso, o corpo humano. O indivíduo se torna produção de poder na medida em que esse elemento busca adestrá-lo através de gestos e comportamentos com a finalidade de hierarquizar, distribuir e avaliar (FOUCAULT, 2018). É imprescindível a abrangência de poder desta forma para posteriormente entender a relação com a arquitetura.

Deste modo, ainda seguindo o raciocínio Foucaultiano<sup>2</sup> e avançando um pouco mais, traz-se a questão do poder disciplinar. A disciplina, método de organização de espaço, busca a inserção de corpos em um mesmo espaço, com o intuito de classificá-los e combiná-los, fazendo-os exercer a função que lhes são atribuídas; trazendo ao poder disciplinar aspectos inter-relacionados e hierarquizados. (FOUCAULT, 2018). Ou seja, cada elemento está servindo de apoio ou outro, exercendo uma *força* e um engajamento para que tudo funcione.

O poder está – de fato – inerente ao ser humano, em seu subconsciente e como forma organizacional da sociedade. Para se efetivar, busca *símbolos* para seduzir e despertar no destinatário a sensação e o dever de obediência, visto que é impulsionado por vontades, essas muitas vezes não sendo particular; transformando, então, estes objetos simbólicos em resultados de persuasão (PASSOS, 2010). Ao visualizar um objeto que transpassa o significado de ordem, poder e imponência, o indivíduo é acometido pela vontade de obediência, retraindo-se à mensagem daquele símbolo. Esta ação praticamente automática em seu psicológico está longe de ser algo com o intuito de oprimir de forma negativa, mas sim para controlar as relações sociais dos indivíduos nos espaços.

Entretanto, para que este fenômeno ocorra e o discernimento de imponência seja efetivado, entra a questão estética destes símbolos, caso contrário a percepção se abstém somente em um plano reflexivo, levando à desconstrução do objeto (PASSOS, 2010). Sendo assim, a estética com relação ao poder abrange o sentido de *belo* e *bom*. Retomando à contextualização do tópico anterior, a questão da estética neste conceito filosófico, passa ao objeto um significado interessante e

<sup>2</sup> Termo em referência ao pensamento do filósofo Michel Foucault (1926-1984).

perceptivo aos indivíduos, atraindo sua atenção e despertando sua percepção. A presença do *belo* nas mais variadas formas acarreta à presença de *bom*, representando então a questão estética e ética, respectivamente; e, levando ao objeto a um patamar de compreensão em seu conteúdo (PASSOS, 2010).

Logo, a utilização de símbolos, objetos imagens abordando a estética servem como um intermédio de comunicação para atrair a obediência e a atenção dos indivíduos sem a utilização da força, tornando a aceitação do poder algo benéfico. Além de corroborar a questão da interdisciplinaridade das áreas, pois o uso de símbolos arquitetônicos atinge o comportamento, levando diretamente à psicologia ambiental; e, sua inserção ao provocar este fenômeno, assume um caráter poderoso.

E, nesta perspectiva, a arquitetura entra como protagonista para a *manter a ordem* na sociedade. Podemos dizer que Foucault aborda-a de certa forma como um objeto opressor, pois encarcera o indivíduo com o intuito de vigiá-lo e fazê-lo falar de forma obrigatória, operando como instrumento de transformação; na medida que Bataille diz que através de sua forma encontram-se as ordens e proibições sociais, com monumentos para impor condições e pregar o bom comportamento (MORAES, 1995). Contudo, vale ressaltar que esta abordagem arquitetônica é demonstrada de forma subjetiva e simbólica, pois, ao encarar e exaltar sua imponência, não se refere a questões de força física, somente abstratas.

A legitimação da arquitetura é dada através de sua dominação espacial, acarretando ao reconhecimento social e – conseqüentemente – atestando seu poder (BITTENCOURT, 2018). Além disso, na história, quando os sistemas necessitavam demonstrar sua onipotência, a arquitetura serviu como instrumento através de suas edificações (CAMARGO, 2008). Deste modo, a relação entre o abstrato e o físico torna-se – mais uma vez – nítida.

A arquitetura também é responsável pela igualdade e desigualdade social (HOLANDA, 2013), cabendo a ela o partido de oprimir ou amenizar as questões sociais através de sua forma.

As relações políticas e sociais ocorrem através de um esquema de mando e submissão, sendo a obediência um sinônimo de aceitação e reconhecimento autoritário (PASSOS, 2010).

Indo além, Passos (2010) também aborda e utiliza como exemplo uma questão interessante sob um panorama histórico comparando e relacionando o Estado com a Igreja, a fim de explicar e contextualizar a questão do poder. Para o autor, a entidade religiosa é forte e poderosa, na medida que seus fiéis são submissos (na medida que mostram suas crenças e sua fé); assim como a imponência das leis e das autoridades. De certa forma, ambos utilizam a arquitetura para transmitir seus ideais, basta lembrar da robustez das edificações religiosas e dos tribunais na história.

Assim, pode-se perceber que o poder também está além de uma questão física. Transmitido de forma simbólica e conciliado com a arquitetura, atua como elemento responsável nas questões sociais.

### 3.3 Percepção dos Indivíduos nos Espaços

Dentro de um espaço, se é influenciado por toda sua configuração, isto é fato. O *poder* que um espaço possui sobre os indivíduos é incontestável, de modo que afeta seu comportamento e pensamentos. Como sente-se dentro de um ambiente específico? Age-se da mesma forma se estivesse em outro? Todo este processo resulta da força espacial que atinge o subconsciente.

A psicologia ambiental é essencial para entender a arquitetura como símbolo de poder, pois será transpassada através do espaço. Através de sua configuração e a mensagem que o ambiente procurar passar ao indivíduo, é como resultará em sua forma de pensar e agir, salientando sua autoidentidade (MOURÃO; CAVALCANTE, 2011). Um ambiente não carrega consigo somente uma configuração arquitetônica visual e superficial, mas sim toda uma bagagem subjetiva de cada indivíduo, resultando em um grupo social, bem como a mensagem que o próprio ambiente busca mostrar.

Cria-se uma relação de reciprocidade entre as condutas humanas e o espaço no qual os indivíduos se encontram (MOSER, 1998). Parece que vive-se um *looping*<sup>3</sup> eterno, de modo que todas as atitudes são fatores resultantes da percepção que se tem com relação ao ambiente, porém o ambiente só adquire este poder de influência em razão dessas percepções e o valor que lhe dá-se e age-se em seu interior. Há a presença de uma forte ligação.

Esta relação resulta em uma questão sociocultural, pois, a forma como cada ambiente é configurado é baseada de acordo com os aspectos singulares de cada espaço, para atender as necessidades daquele próprio espaço. Desta forma, a materialidade física da composição está ligada à natureza social dos comportamentos dos indivíduos que estão presentes naquele local (CARVALHO; CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011).

Logo, a psicologia ambiental salienta a importância e o abrangência do conceito de espaço, uma vez que não se trata somente como visualiza-se o ambiente, mas sim toda a gama de influências que exerce sobre os indivíduos como consequência de sua configuração (MOSER, 1998).

Além disso, esta influência não quer dizer necessariamente que se está consciente de tal processo. Neste caso, pode-se estar sujeito a esta obediência de forma involuntária, somente seguindo os paradigmas de costumes impostos pela sociedade através de gerações (RIVLIN, 2003 apud CARVALHO; CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011). O subconsciente entende o grau de hierarquia e automaticamente comporta-se de acordo com este local, submetendo-se às suas regras sem nenhum questionamento.

Dessa forma, para tais comportamentos que são adotados, pode-se enquadrar e discutir para melhor entendimento a questão de *behavior setting*<sup>4</sup>, conceito que consiste em comportamentos programados dentro de um determinado tempo e espaço, os quais ocorrem frequentemente (BARKER, 1968 apud CARNEIRO; BINDÉ, 1997). A presença de *behavior setting* atesta a imponência dos ambientes com relação aos seres humanos.

Indo adiante, para entender esta influência que um ambiente exerce sobre o comportamento de um indivíduo, precisa-se abordar de forma geral sobre psicologia ambiental. Multidisciplinar, era objeto de estudo antes de ser reconhecida e consolidar-se como área distinta, através de elementos que estão fortemente ligados às questões arquitetônicas. E, diferentemente da arquitetura, que era bastante determinada sobre a influência que um ambiente exerce sobre o indivíduo, a

---

<sup>3</sup> Termo utilizado como uma metáfora pela autora desta pesquisa para explicar a relação entre arquitetura, espaço e psicologia ambiental. O termo em inglês refere-se a repetições e também em seguir uma trajetória em círculos. Assim, relaciona-se com o contexto da pesquisa de modo que as três áreas são interdependentes.

<sup>4</sup> Termo em inglês utilizado por Barker (1968) e definido como os acontecimentos da vida diária que desenvolvem os comportamentos humanos.

psicologia ambiental se propôs a analisar o porquê do surgimento destes comportamentos diante de certos ambientes (MELO, 1991).

Nesse sentido, pode-se perceber a importância da psicologia ambiental através de um panorama geral por abranger diversas áreas, permitindo um entendimento mais fácil e contextualizado, evitando confusões e até um certo travamento para a resolução de problemas e criação de novos projetos. Sem sombra de dúvidas, pode-se dizer que – sim – a consolidação da psicologia ambiental facilitou a compreensão dos conceitos de espaço e comportamento humano, além de interligá-los.

Trazendo especificadamente nesta pesquisa, a psicologia ambiental é deveras importante pois atua como uma ponte entre o físico e o abstrato. Tapie e Lima (2018) abordam uma gama de autores que atestam esta temática, cuja é constituída de que os espaços e construções carregam consigo toda uma questão social, bem como a parte individual de cada um, como atitudes e comportamentos.

Inicialmente, pode-se pensar que um edifício e seus elementos internos são somente objetos constituintes sem vida, ou restrito apenas ao propósito de abrigar grupo social e sua determinada função. No entanto, mesmo que inconsequentemente, passam-se a ser influenciados por tudo ao nosso redor. O fato de saber das existências de regras que se asseguram na sociedade já os torna submissos dos ambientes que frequentam. Submissos no sentido de agirem de acordo com o que o lugar busca passar através de sua simbologia. Por exemplo, de maneira bem sucinta, jamais se adotaria dentro de um tribunal a mesma postura que se tem dentro de uma casa, obviamente. Nos lares, muitas vezes as regras são ditadas pelos próprios residentes, e a mensagem que o ambiente passa para eles está muito distante da formalidade de um ambiente jurídico. No tribunal, ao adentrar, há um certo bombardeio com regras, normas e hierarquias, utilizadas para manter o controle e a organização entre os conflitos sociais e as relações dos indivíduos (PINHEIRO; ELALI, 2011).

Reis (2017) conteve-se em seu artigo o estudo de teorias do arquiteto Christian Norberg-Schulz com algumas de suas obras. Nele, descreve que está inerente ao ser humano o interesse pelo espaço, sendo uma necessidade buscar explicações e significados nos objetos no qual está conectado, bem como a relação entre os objetos entre si. Ademais, corrobora a ideia de que ocorre o recebimento de informações do entorno através de percepções.

Sendo assim, todo indivíduo está inserido em um ambiente com uma finalidade, e esta deve ser sempre levada em consideração. Além disso, as regras que regem um ambiente acarretam ao entendimento do comportamento humano (MELO, 1991).

O espaço atua como *receptáculo*<sup>5</sup> do poder e da arquitetura, transmitindo os valores simbólicos (que muitas vezes transpassam também aos componentes físicos) aos indivíduos. Esses, mesmo que com reações distintas, criam laços com o ambiente, bem como interpessoais (PINHEIRO; ELALI, 2011).

E, deste modo, percebe-se o quanto o espaço atua como influenciador e o quanto é influenciado, sendo mediador das relações humanas em uma sociedade, bem como intermédio das realidades físicas e abstratas. Quanto à psicologia ambiental, esta certifica a importância do espaço, trazendo-o mais próximo do ser humano, bem como da arquitetura, criando um vínculo disciplinar.

## 4 CONCLUSÕES

---

<sup>5</sup> Termo utilizado pela autora da pesquisa como uma metáfora para interligar o espaço com arquitetura e o poder.

Logo, pode-se concluir com a revisão de literatura que a arquitetura está – sim – além de um papel simplesmente físico, de modo que seu valor simbólico é capaz de influenciar o comportamento humano, sobretudo para corroborar a presença de poder.

O espaço afeta o psicológico dos indivíduos, despertando diversas sensações e sentimentos e, trazendo como consequência, reflexos que perpetuam em suas vidas e, conseqüentemente, na sociedade. Vale ressaltar que o espaço e sua configuração arquitetônica denota tamanho poder pelo fato de provocar experiências positivas e negativas, dependendo do ponto de vista individual.

Ademais, percebe-se também que a interdisciplinaridade entre a arquitetura e a psicologia ambiental são fundamentais para a compreensão do espaço e, por conseguinte, também de questões sociais.

A interdisciplinaridade faz com que os estudos sejam mais abrangentes e aprofundados, pois começa-se a entender as áreas sob um olhar distinto, e não somente da maneira que se estava acostumado. Quebra-se paradigmas e nasce uma nova perspectiva de estudo, inovação e atualização.

Dessa forma, a pesquisa avançará para a segunda etapa com estudos que continuarão com a mesma linha da influência arquitetônica específica para os tribunais, abordando fundamentos da psicologia ambiental. Nesta nova fase, ocorrerá análises do objeto de estudo, bem como entrevistas com profissionais da área, a fim de aprofundar e entender a questão de poder nesta ambiência e a relação com os indivíduos.

## **Agradecimentos**

Agradeço ao meu orientador Henrique pelo incentivo e pela ajuda para com a publicação deste artigo.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BITTENCOURT, Samantha Nahon. **Data Venia**: por uma outra arquitetura para a justiça brasileira. 2018. 209 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

CAMARGO, Gustavo Henrique Maciel. **A produção arquitetônica e sua relação com o poder**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Temas Filosóficos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Minas Gerais, Minas Gerais, 2008.

CARNEIRO, Clarisse; BINDÉ, Pitágoras José. A Psicologia Ecológica e o estudo dos acontecimentos da vida diária. **Estudos de Psicologia**, [s.l.], v. 2, n. 2, p. 363-376, 1997. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X1997000200010&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X1997000200010&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em 10 maio 2020.

CARVALHO, Mara Ignez Campos-de-; CAVALCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana Mara Andrade. Ambiente. *In*: CAVALCANTE, Silvia; ELALI, Gleice A. (org.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FRÓIS, Katja Plotz. Arquitetura além do olho ou o que temos a aprender com a cegueira. *In*: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ (org.).

**Projeto do Lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.

HOLANDA, Frederico de. **10 Mandamentos da Arquitetura.** Brasília: FRBH, 2013.

HUISMAN, Denis. **A Estética.** Tradução: Maria Luísa São Mamede. Lisboa: Edições 70, 1954.

LIMA, Felipe de Andrade Abreu e. Ética e estética nas arte, arquitetura e urbanismo contemporâneos - uma crítica realista. **Pós. Revista do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Fauusp**, São Paulo, n. 28, p. 158-181, dez. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43706>. Acesso em: 11 abr. 2020.

MELO, Rosane Gabriele C. de. Psicologia ambiental: uma nova abordagem da psicologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 85-103, 1991. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicosp/v2n1-2/a08v2n12.pdf>. Acesso em 11 maio 2020.

MORAES, Eliane Robert. O jardim secreto: notas sobre bataille e foucault. **Tempo Social**, São Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 21-29, out. 1995. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/85126>. Acesso em: 11 abr. 2020.

MOSER, Gabriel. Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 3, n. 1, p. 121-130, jun. 1998. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X1998000100008](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1998000100008). Acesso em: 05 maio 2020.

MOURÃO, Ada Raquel Teixeira; CAVALCANTE, Sylvia. Identidade de lugar. *In*: CAVALCANTE, Silvia; ELALI, Gleice A. (org.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental.** Petrópolis: Vozes, 2011.

PARANHOS, Paulo Henrique. **Da obra ao conceito: a poética do espaço.** Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

PASSOS, Álvaro Augusto dos. **A Estética do Poder.** 2010. 119 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito das Relações Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

PINHEIRO, José Q.; ELALI, Gleice Azambuja. Comportamento socioespacial humano. *In*: CAVALCANTE, Silvia; ELALI, Gleice A. (org.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental.** Petrópolis: Vozes, 2011.

REIS, Elisabete Rodrigues dos. Lugar do Sentido. **Rev. Nufen: Phenom. Interd**, Belém, v. 9, n. 2, p. 109-123, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v9n2/a08.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2020.

TAPIE, Guy; LIMA, Cristina de Araujo. Sociologia do Espaço: modelos de interpretação. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 20, n. 47, p. 370-391, abr. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/66342>. Acesso em: 07 maio 2020.